

# CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARQUITETURA NO BRASIL

\* Antonio Castelnuovo

## RESUMO

*Este texto baseia-se numa tentativa de refletir sobre a situação da arquitetura brasileira no presente, destacando alguns problemas trazidos por uma atitude pragmática, que predomina sem a necessária fundamentação teórica e crítica de nossa realidade.*

\* Docente na área de Teoria e História da Arquitetura do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Estudos Superiores de Londrina.

Para se tecer algum ou qualquer comentário a respeito da produção arquitetônica nacional realizada nos dias atuais, não se poderia deixar de fazê-lo sem uma análise - se rápida, pelo menos precisa - do seu desenvolvimento gradativo, que aqui vem implícita ao texto. Isto se dá pelo fato dessa produção, assim como a de outros países, ser fruto de uma série de fatores correlacionados, que abrangem diversos campos, tanto em âmbito político como sócio-econômico, a nível nacional e internacional.

Tal forma de encarar a arquitetura não como algo estático e desligado do tempo, mas sim como dinamicamente resolvida, influenciada por questões de seu próprio meio ou decorrentes de contextos maiores, leva-nos a uma visão crítica mais eficaz e, assim, menos parcial. Compreendê-la como reflexo e instrumento de uma situação, isto é, de um sistema de uso e desuso, que transforma as relações interpessoais - ou mesmo, de um modo mais amplo, internacionais - em verdadeiros atos predatórios, justificados inquestionavelmente por exaltações à livre iniciativa capitalista, faz-nos entender que a arquitetura brasileira de hoje, além de ser assim pelo que foi, o é também porque lá fora - a situação internacional - requer que assim seja.

Sem querer descarregar a culpa sobre ombros que não sejam os nossos, o que se quer dizer é que arquitetura, ou qualquer outra atividade analisada no mundo contemporâneo, não pode ser entendida, questionada ou resolvida se encarada neste ou naquele aspecto particular. Hoje, o que existe são relações bastante ampliadas e igualmente complexas, e que vão influenciar sua aparência, sua realização no aqui e agora. O sistema capitalista - e todas as características inerentes a ele, como por exemplo, a propriedade privada - confere à atividade arquitetônica aspectos próprios de estruturação e que assumem interessantes conotações no ambiente brasileiro atual.

A obra arquitetônica imprime em si e, de certa maneira, expressa relações que ultrapassam àquelas ligadas ou seja, relações que abordam não só simples soluções a problemas funcionais, mas também relações refletidas de seu contexto global. Isso é o mesmo que dizer que a obra é igualmente resultado do ambiente que insere seu autor e no qual também está inserida, tanto no tempo como no espaço.

Portanto, era de se esperar que no Brasil a arquitetura não deixasse de se apresentar assim, o que, além de lhe conferir formas traçadas pelo espírito do sistema, caracteriza-se de maneira mais particular, identificada com a realidade nacional.

Se o ambiente brasileiro atual se permite ser considerado praticamente um caos, mergulhado numa bem-desculpada e afamada crise econômica, numa desgastada incapacidade governamental ou ainda num propagado e assumido complexo de Terceiro Mundo, poder-se-ia dizer que a arquitetura disto é justamente isto: respira o mesmo caos, inspirando-o e expirando-o.

O arquiteto brasileiro, mergulhado neste contexto, produz para este e do mesmo modo, reproduzindo-o. Sua arquitetura é de e para este ambiente sócio-político-econômico, apresentando-se da forma que lhe é mais interessante, como reflexo e instrumento.

Surge daí a pergunta: como é a arquitetura realizada aqui e agora, proclamada moderna? Num ambiente destinado a ser reino do lucro, essa arquitetura só poderia, para ainda existir e se consolidar, visar este mesmo lucro. Páginas e mais páginas de jornais anunciam empreendimentos imobiliários, vende-se por televisão, financia-se quase tudo, abençoa-se a estrutura e a engenharia, pré-idealiza-se sobre pré-moldados, distribui-se enfim a propaganda da racionalização, industrialização, comercialização e assim por diante.

Contudo, é permitido dizer que se faz arquitetura.

O arquiteto brasileiro da atualidade perdeu o seu papel ou, pelo menos, seu senso crítico. Ou não, pois existe aquela velha questão do pensar e do fazer, que redefinida ficaria algo como "que-venha-o-que-vier". Ele produz espaços para o homem (ou seria para o sistema?) falando em função, utilidade e racionalidade; diz que pensa em saúde, bem-estar, beleza, mas, na realidade prática de seu ofício, não passa de uma marionete. Diz isso, mas faz aquilo, e bem diferente uma coisa da outra. Se não está preso a uma prancheta como desenhista ou explicando miragens urbanísticas numa sala de aula, está desempregado. Falta-lhe a sua própria definição, na essência da palavra, a compreensão dos meios de produção e de suas relações; falta-lhe a sua ação.

Obviamente, não podemos esquecer das exceções que, quando ocorrem, mesmo que raramente, resgatam-nos desse grande equívoco que é nossa arquitetura. Também sempre houve aqueles que procuram fugir de uma atitude pragmática ao extremo, permeando suas propostas com pontos de vista "teorizantes". Mas a grande maioria está aquém de uma real e total conscientização, mesmo que se revigorem nossos esforços acadêmicos: o imenso oceano que ainda existe na área profissional acaba afogando até os mais merecedores talentos.

Para não deixar de se falar em urbanismo no Brasil, este se resume a uma colcha de retalhos, na qual um planejamento inadequado a determinado problema resulta em uma série de remediações. Visões parciais, mas que são as ideais para alguns interesses, acabam criando uma urbanização aleatória; remendos separados, escondendo e discriminando. O urbanismo brasileiro de hoje é o da marginalização e da exploração imobiliária; é a legalização da favela, sua explicação.

Fatos como esses são encontrados em todo o território nacional, pois são importados dos pólos maiores para os menores, destes para os menores ainda e assim por diante. Todas as cidades, uma a uma, se dedicam à mesma maneira de planejar e de projetar: o arquiteto transforma em concreto e vidro os ideais do capital. Talvez ele até pense em se libertar, criando uma sofisticada casa burguesa ou uma audaciosa agência bancária, mas acaba sempre repetindo fórmulas e respostas em conjuntos habitacionais, quando ainda é convidado para tanto.

Em média, a arquitetura brasileira de hoje esqueceu, ao mesmo tempo, seus dotes paisagísticos e da natureza que deveria ser sua aliada, pois não são uma raridade os abusos ecológicos dos dias atuais. Muitas vezes, o arquiteto ignora leis básicas de insolação e ventilação para criar construções no mínimo bem lucrativas, outras vezes, limita-se a repetições monótonas de linguagens desgastadas.

O arquiteto brasileiro atual - e quem sabe ainda de muitos lugares e outros tempos - produz e reproduz modelos mastigados, irracionalmente racionais que podem, e normalmente o são, ótimos empreendimentos imobiliários, de até boa aparência, mas inquestionavelmente anti-humanos.

Resta aqui uma dúvida: se é possível - e, se for, como - romper e abandonar todo esse modo de produzir, cuja mercadoria é a arquitetura, e partir assim ao verdadeiro. Mas, o que vem a ser o verdadeiro? O moderno questiona o termo "Verdade", como sempre se fez, e não estaria aqui a sua explicação.

A arquitetura brasileira de hoje não deixa de ser moderna: ainda pode deixar de ser. Talvez tenha perdido a sua razão de ser e, se for isto, não é a única - ou nunca a tenha realmente encontrado. Sua descaracterização (ou seria mascaramento?) já data de muito tempo, e quem sabe dure mais algum. Enquanto isto, o arquiteto brasileiro repete.

## BIBLIOGRAFIA

COSTA, L. Muita construção, alguma arquitetura e um milagre. **Revista Arquitetura Nova**. São Paulo: ECA/USP, 1980.

FAYET, C. M. et alii Depoimento da arquitetura brasileira após Brasília. Rio de Janeiro: IAB, 1978.

HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. 12 ed., São Paulo: J. Olympio, 1978.

LINHARES, C. O movimento de arquitetura moderna no Brasil, ou de boas intenções o inferno está cheio. **Revista Projeto** Nº 55, SETEMBRO, 1983.

MELLO, E. H. Arquitetura brasileira: palestras e conferências. São Paulo: USP, s.d.